

## SUBJETIVAÇÃO DE GÊNERO E CORPO VESTIDO: NÃO CATEGORIAS NO VIRTUAL

Vinícius Alves de Almeida

*Graduando em Bacharelado em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo.*

*vinibruv@usp.br*

*Simpósio Temático ST 06 – AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE DOS FEMINISMOS  
NAS REDES SOCIAIS*

### RESUMO

Dentro das diversas tecnologias que promovem a categoria de gênero está a moda que, de forma estética, pode atuar como subjetivante social. A vestimenta pode impactar diretamente a imagem impressa socialmente. A existência virtual, condicionada pela evolução da sociedade contemporânea, também é adornada por vestes e utiliza dos signos invocados pelo corpo vestido para sua subjetivação. Tendo em vista os mecanismos sociais quanto à manutenção da categoria binária de gênero, é importante explicitar os processos criados, tendo a estética e a moda como tecnologias de gênero, para subjetivar as possibilidades de rompimento com a binaridade hegemônica e compreender o fenômeno dentro do estudo de caso da androginia no corpo virtual. A partir da literatura e de análises sociais, o trabalho traçará razões entre a categorização do gênero intrínseco à moda e os processos de subjetivação para o corpo virtual, assim como buscará de forma analítica e qualitativa exemplificar casos de androginia possibilitadas pelo corpo vestido no sintético.

**Palavras-chave:** Gênero, Corpo vestido, Virtual, Subjetivação.



## ABSTRACT

Within the various technologies that promote the gender category is fashion, which in an aesthetic way can act as a social subjective. Clothing can directly impact the socially printed image. The virtual existence, conditioned by the evolution of contemporary society, is also adorned by robes and using the signs invoked by the body dressed for its subjectivation. In view of the social mechanisms regarding the maintenance of the binary category of gender, it is important to explain the processes created, having aesthetics and fashion as gender technologies, to subjective the possibilities of disruption with hegemonic binarity and to understand the phenomenon within the case study of androgyny in the virtual body. Based on the literature and social analyses, the work will outline reasons between the categorization of the intrinsic genre to fashion and the processes of subjectivation for the virtual body, as well as seek in an analytical and qualitative way exemplifying cases of androgyny made possible by the body worn in the synthetic.

**Keywords:** Gender, Body Dress, Virtual, Subjectivation.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a pesquisa elaborada durante a iniciação científica realizada entre os anos de 2019 e 2020 pela Universidade de São Paulo.

A moda, partindo de dinâmicas sociais pontuais, pode ser estabelecida através de inúmeros laços entre indivíduos e os meios que os permeiam — sociais, políticos ou econômicos —, corporificando individualidades estéticas de acordo com preceitos significados por processos sociais.

Considerando o processo de categorização do sujeito através da imagem de gênero lida socialmente (Scott. 1988), a divisão hegemônica se constitui com base na

construção de uma binaridade de sexos: masculino e feminino, podendo ser concebida na exteriorização estética congruente ou não com a singularidade interna do indivíduo.

Ao vestir amontoados de tecidos e modelagens, o corpo é coberto, também, pela camada de símbolos construídos socialmente por meio das inúmeras relações entre a imagem e os significados. Esse fenômeno de subjetivação surge a partir da análise visível da aparência, sendo a visão o primeiro contato crível humano. As informações apresentadas visualmente transformam o ser vazio em um conjunto de proposições, tornando o que ele veste a sua expressão dentro de categorias hegemônicas.

Os símbolos binários de gênero, atuantes no processo de categorização, são construídos por convenções de poder dentro do contexto social e histórico, eles permeiam o sujeito e moldam as hierarquias sociais. A existência de não categorias, representações que fogem da binaridade de gênero normativa, implica a construção de subjetivantes que fogem também das categorias masculino e feminino.

A desconstrução dos signos binários presentes na sociedade permite a origem de novos significados vinculados ao indivíduo. A discussão dos símbolos de gênero ocorre por meio de oposições entre o sensível e o inteligível, contrapondo o real ante o idealizado, questionando a construção e emprego do masculino e do feminino dentro da sociedade (Derrida, 1978). A moda pode emplacar nessa nova formação ao ressignificar o corpo por meio da imagem criada, podendo contrapor significantes já consolidados.

O contemporâneo traz novas esferas para as representações sociais. Para Donna Haraway (2009), o desenvolvimento tecnológico trouxe consigo também a ampliação da existência humana. O pós-humanismo surge com a prerrogativa de que o homem perde sua completude orgânica ao ocupar os espaços possibilitados pelas máquinas.

O corpo vestido nesse ambiente ciborgue é subjetivante estético das categorias sociais. Em ambos espaços, no orgânico e no virtual, ele é um meio atravessado pelos significantes da binaridade de gênero, tecendo também possibilidades e representações para além da categoria.

Dentro da contemplação dos estudos de gênero, serão estudados, nesta pesquisa, os textos de Teresa de Lauretis (1994), a fim de compreender como o gênero é construído e transformado por suas tecnologias e seus discursos, também serão abordados os conceitos partindo das ideias de Butler (2000), Salih (2015) e Preciado

(2017), como aportes teóricos para entender os processos de subjetivação do gênero, como esses se desdobram e se desconstroem.

O corpo vestido, com suas reflexões debruçadas na sociologia de moda, será contemplado juntamente aos textos de Entwistle (2000), Calefato (2004) e Evans (2007). Também serão estudados a moda, o gênero e suas interações pela tese de Conceição (2019).

A contemplação do virtual e dos questionamentos do corpo vestido no pós-humano são pautados pelos textos de Donna Haraway (2003)(2009), Lucia Santaella (2003) e Paula Sibilia (2005)(2008), que permitem uma melhor compreensão dos contextos e das possibilidades do corpo ciborgue. A existência desse corpo enquanto imagem será estudada com auxílio do texto, investigando nesses corpos virtuais como a categoria de gênero é subjetivada pelas tecnologias estéticas.

## **MÉTODOS E PROCEDIMENTOS**

A revisão bibliográfica serve como referencial e auxílio na elaboração e no embasamento dos questionamentos científicos. Por meio de publicações e trabalhos de autores sobre temas específicos, é dado o caminho para a discussão e a resolução de problemas (SANTOS e CANDELORO, 2006). Este método permite uma visão geral sobre o assunto, assim como um histórico sobre dados e abordagens já efetuados acerca do tema e suas conclusões.

Logo, o trabalho foi conduzido de acordo com as informações acessadas na revisão bibliográfica pertinente ao tema “Subjetivação de gênero e o corpo vestido: Não categorias no virtual”. A leitura do material selecionado possibilitou a construção do trabalho, assim como ampliou os questionamentos e os pontos levantados.

Após a conceituação, foi realizada uma pesquisa de público com entrevista direta e estruturada pela internet via Google Forms. O formulário foi difundido via Instagram, enviado por mensagem para perfis que se encaixavam como não categorias. O período de resposta do formulário foi do dia 1º de junho de 2020 ao dia 1º de julho de 2020 e obteve 56 respostas.

Para as análises, foram levadas em conta a mediana e a moda das respostas, mas principalmente os aspectos discursivos, indo ao encontro do aporte teórico levantado anteriormente.

## **DESENVOLVIMENTO**

Compreende-se o corpo vestido como uma tecnologia de gênero em que a representação social da categoria, no âmbito estético, parte da leitura dos signos vestíveis.

A moda através do corpo vestido pode assumir papel de significante no tocante à corporificação social do gênero, sendo construída socialmente como signo estético que conduz percepções sobre o indivíduo. Sendo o gênero uma percepção social, a roupa articula signo atribuindo leituras de acordo com o tempo e o espaço ocupados pelo indivíduo.

A subversão de performances de gênero pode acontecer por meio da subversão da binariedade de símbolos de subjetivação do indivíduo, os quais são responsáveis pela leitura e pela classificação do gênero socialmente. Assim como Derrida (1967) propõe a desconstrução da binariedade pela oposição entre significado e significante, Butler (2001) propõe que o binarismo de gênero pode ser subvertido pela oposição e pela multiplicidade entre signos masculinos e femininos, encontrando resposta fora da categoria empregada socialmente.

As não categorias podem ser definidas a partir da exclusão feita pela categorização de gênero homem-mulher. Para desconstruir o objeto da categoria de gênero, o conceito precisa ser invocado por outros signos, rompendo com o binarismo hegemônico.

As não categorias, portanto, podem ser definidas partindo de identidades de gêneros que não se encontram dentro da categoria binária engendrada na oposição dos pressupostos para masculino e para feminino. A desconstrução da categoria binária torna-se possível pela invocação de símbolos que superam a binariedade hegemônica de gênero, como a Androginia.

A expressão da androginia é tida por Lotufo (2015) como a combinação de elementos significados como masculinos e femininos, ressignificando os indivíduos a partir de uma estética subversiva criada pela oposição da leitura dos signos ligados à expressão de gênero masculina e feminina.

O corpo virtual, pelo processo de autofabricação de si mesmo, constrói o corpo vestido de maneira a invocar signos específicos de autoescolha no processo de subjetivação. Com o isolamento social, o corpo vestido passa a ser visto com mais frequência no âmbito virtual, onde os signos são escolhidos pelo sujeito com mais objetividade.

A necessidade contemporânea de uma identidade estética é definida no mundo virtual para a existência ser completa dentro da lógica pós-moderna de interação social, uma vez que as interações via tecnologia se tornam essenciais em todas as esferas do corpo social. Essa necessidade gera uma existência fabricada pelo próprio indivíduo para corresponder aos desejos de existência desse corpo.

As alterações corporais feitas no virtual prospectam mudanças no espaço físico e geram novas versões da existência que se misturam e se interseccionam. O corpo virtual passa a ser tão real quanto o corpo físico e ter tanta relevância quanto.

O corpo virtual coabita diversos lugares, possibilidade que o corpo físico não alcança, assim como assume formas e veste signos que o corpo biológico não consegue.

Podendo também ser entendido como corpo ciborgue, o corpo humano, somente partindo do biológico, não é o único fator nas mídias sociais. A expansão dele utilizando-se da tecnologia e das máquinas se faz necessária para alcançar subjetivações e identidades desejadas.

O uso de softwares para edição de imagem é uma das fabricações virtuais de si comumente adotadas, uma vez que, através de edições, é possível atingir a estética desejada, alterando o próprio corpo e também todos os aspectos estéticos.

O corpo virtual é ainda considerado como parte ciborgue da existência pós-humana, uma demonstração da existência após a quarta ferida narcísica, a existência artificial que não está no mesmo lugar que a existência biológica.

A pós-humanidade e o corpo ciborgue estabelecem inúmeras ligações com a representação dos corpos, a subjetivação de uma existência que não tem sua base solidificada no antropocentrismo.

Assim, as não categorias são passíveis de subjetivação através do corpo vestido também no virtual, a existência ciborgue invoca significados já consolidados socialmente pelas hegemonias do orgânico.

Na pesquisa de público, percebeu-se que a grande maioria não se identifica com o seu gênero atribuído ao nascer, sendo pertencentes, então, às não categorias estudadas acima.

Quando questionados sobre o papel social do corpo vestido como tecnologia de gênero, foi observado que é notório o conhecimento da significação hegemônica atrelada à vestimenta como subjetivante hegemônico. Entretanto, cerca de 37,5 % dos entrevistados acreditam que a roupa pode ser vista de maneira isolada da categoria de gênero, sendo vista somente como objeto de escolha individual sem participação social.

Foi unânime a resposta sobre a utilização da moda na construção da própria identidade. Assim como foi abordado por Entwistle (2000), o corpo vestido se utiliza do corpo vestido, partindo das significações sociais, como maneira de se construir e se identificar dentro de certo contexto sociocultural.

Pensando na subjetivação das não categorias pela moda no contemporâneo, todos os entrevistados visualizam o corpo vestido como tecnologia de fuga à binaridade de gênero, sendo possível, através da roupa, alcançar significações diferentes das hegemônicas.

Quando questionada sobre a oposição entre o corpo físico e biológico com o corpo virtual, a maioria afirmou considerá-los corpos diferentes que possuem subjetivações diferentes.

Durante o isolamento social da pandemia do COVID-19, a maioria dos entrevistados relatou se utilizar de fotos e perfis em redes sociais para subjetivar o seu corpo, tratando o corpo virtual como uma extensão, autofotografada e autofabricada de si mesmo, significando o corpo de maneira mais controlada.

A expressão de gênero, para os entrevistados, também pode ser lida socialmente pela imagem que o corpo vestido tem nas mídias, sendo a moda ainda subjetivante da categoria de gênero e também subjetivante das não categorias.

Entende-se que as dinâmicas do corpo vestido, socialmente, subjetivam a categoria de gênero, sendo tecnologia constituinte dessa. O âmbito estético invoca signos vestíveis, atribuindo valores. A desconstrução da categoria de binária se torna possível pela leitura de símbolos que também fogem dessa binariedade definida socialmente.

O corpo virtual, pelo processo de autofabricação de si mesmo, constrói o corpo vestido de maneira a invocar signos específicos de autoescolha no processo de subjetivação. Com o isolamento social, o corpo vestido passa a ser visto com mais frequência no virtual, onde os signos são escolhidos pelo sujeito com mais objetividade.

## **CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esse estudo, foi possível observar que a moda tem uma ligação direta com os processos de subjetivação dos signos da categoria gênero, sendo vista como tecnologia de gênero.

Também é notável que, a partir dos mesmos processos hegemônicos que invocam signos binários para a categoria gênero, a moda subjetiva, o corpo vestido de maneira a fugir da categoria gênero pontua uma série de possibilidades para as não categorias.

Considerando o gênero como categoria atribuída ao indivíduo e a sua leitura social como veiculada partindo dos signos de contato visíveis, o corpo vestido, logo, é visto como significante da expressão de gênero, sendo a moda uma tecnologia de gênero categorizada junto ao gênero.

Pensando nas diversas possibilidades demonstradas durante o trabalho, compreende-se a moda como objeto de mudança social que auxilia na quebra de símbolos hegemônicos, sejam por meios físicos, seja por virtuais.

O presente trabalho evidencia pesquisas e parte de um desenvolvimento acerca do tema “Subjetivações e moda no contemporâneo: estudo de caso das não categorias” de maneira sistêmica, seguindo o método científico. Os conceitos embasados na



sociologia de moda e nos estudos de gênero foram abordados durante o trabalho a fim de estabelecer ligações de acordo com o apoio da bibliografia base.

Por meio da metodologia aplicada, revisão bibliográfica, foi possível elucidar um trabalho coeso acerca dos processos de subjetivação da categoria gênero através do corpo vestido, traçando panoramas entre teóricos, artigos e a pesquisa de público elaborada.. A discussão se organizou dividida em questões para melhor abarcar o tema e os objetivos do projeto.

As entrevistas realizadas de acordo com a metodologia estudada foram essenciais para localizar o trabalho dentro da contemporaneidade, auxiliando a conceituação nos resultados obtidos.

O trabalho, por conseguinte, cumpre com o propósito, logo associa conceitos e teóricos propostos no projeto com o tema e os apresenta de maneira a dissertar acerca da contemporaneidade da subjetivação das não categorias pela moda.

## REFERÊNCIAS

AIRES, A. B; SOUZA J. **CIBORGUES INVADEM A MODA: CORPO, GÊNERO E MEDICINA**. Anais 14 Colóquio de moda. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 00. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CALEFATO, Patrizia. **The clothed body**. Tradução em ingles: Lisa Adams. Ed. New York: Berg, 2004.

CONCEIÇÃO, Gabriel P. **Desconstruindo o binarismo de gênero: estudos de casos de marcas de moda nos discursos contemporâneos**. 2019. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

ENTWISTLE, Joanne. **The Fashioned Body: Dress and Modern Social Theory**. 01. Ed. New York: Polity, 2000.

HARAWAY, D. and J. Schneider ‘**Conversations with Donna Haraway**’, in J. Schneider, *Donna Haraway: Live Theory*. London and New York: Continuum. 2005.

HARAWAY, D. *The Companion Species Manifesto*. Chicago: Prickly Paradigm Press. 2003.

LOTUFO, Flávio. **Androginia - moda masculina “bebe na fonte” da feminina: Qual o motivo? O Arauto**, Salto, abril 2011. Contra Cultura

MAUS, Stephan. **Necessidades e desejos de um corpo andrógino, um olhar no vestuário de moda**. 2017. Dissertação de Mestrado – Escola de Artes, ciências e humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1. Ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição e semiótica e mídia**. SP: Iluminuras. 2005

SANTOS V.; CANDELORO R. J. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Editora AGE Ltda, Porto Alegre. 2006

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu – A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TOMAZ, Tadeu. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.